

ERIC HOBSBAWM

Tempos fraturados

Cultura e sociedade no século XX

Tradução

Berilo Vargas



Copyright © 2013 by Espólio de Eric Hobsbawm

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Fractured Times

Capa
Hélio de Almeida

Imagem de capa
Elvis I and II, detalhe, de Andy Warhol, 1963. Polímetro sintético e serigrafia sobre tela, 82 × 82 cm.
© The Andy Warhol Foundation for the Visual Arts, Inc./ AUTVIS, 2013.

Preparação
Márcia Copola

Índice remissivo
<completar>

Revisão
Huendel Viana
Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hobsbawm, Eric J., 1917-2012
Tempos fraturados / Eric Hobsbawm ; tradução Berilo Vargas
— 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: Fractured Times.
ISBN 978-85-359-2260-8

1. Arte e cultura 2. Cultura e sociedade 3. História - Século
20 I. Título.

13-03367

CDD-909.82

Índice para catálogo sistemático:

I. História : Século 20 909.82

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Agradecimentos.....	7
Prefácio.....	9
1. Manifestos.....	17
PARTE I: A DIFÍCIL SITUAÇÃO DA “CULTURA ERUDITA” HOJE	
2. Para onde vão as artes?.....	27
3. Um século de simbolismo cultural?.....	39
4. Por que realizar festivais no século XXI?.....	54
5. Política e cultura no novo século.....	64
PARTE II: A CULTURA DO MUNDO BURGUEÊS	
6. Iluminismo e conquista: a emancipação do talento judeu depois de 1800.....	83
7. Os judeus e a Alemanha.....	101
8. Destinos Mitteleuropeus.....	109
9. Cultura e gênero na sociedade burguesa europeia de 1870-1914.....	121

10. Art nouveau.	142
11. Os últimos dias da humanidade.	158
12. Herança.	172

PARTE III: INCERTEZAS, CIÊNCIA, RELIGIÃO

13. Preocupar-se com o futuro.	189
14. Ciência: função social e mudança do mundo.	200
15. Mandarim com barrete frígio: Joseph Needham.	216
16. Os intelectuais: papel, função e paradoxo.	226
17. A perspectiva da religião pública.	237
18. Arte e revolução.	259
19. Arte e poder.	266
20. Os fracassos da vanguarda.	278

PARTE IV: DE ARTE A MITO

21. O artista se torna pop: nossa cultura em explosão.	299
22. O caubói americano: um mito internacional?	310
Notas.	331
Índice remissivo.	341

1. Manifestos*

A maioria dos participantes desta maratona escreveu manifestos. Não tenho nenhum manifesto a propor, e acho que nunca redigi um documento sob esse título, embora tenha redigido textos equivalentes. Mas durante boa parte de um século tenho lido documentos chamados manifestos, e imagino que isso me dá certa credibilidade como comentarista numa maratona de manifestos. Comecei a vida intelectual na escola em Berlim aos quinze anos de idade com um manifesto — o *Manifesto Comunista*, de Marx e Engels. Tenho uma foto de agência em que apareço, já octogenário, lendo o jornal italiano *Il Manifesto*, que suponho seja o último jornal europeu a se identificar como comunista. Levando em conta que meus pais se casaram na Zurique da Primeira Guerra Mundial, entre Lênin e os dadaístas do Cabaret Voltaire, gosto de pensar que o *Manifesto Dadaísta* soltou um grande pum no momento da minha concepção, mas infelizmente o primeiro

* Texto originariamente oferecido como colaboração à “Maratona de Manifestos” da Serpentine Gallery, em Londres, concebida por Hans Ubrich Obrist, em 2008.

Manifesto Dadaísta foi recitado três meses antes que isso pudesse acontecer.

Para ser exato, leitores sistemáticos de manifesto são uma espécie própria do século xx. Houve muitas dessas declarações coletivas, principalmente de caráter religioso e político, em séculos anteriores, mas debaixo de outros rótulos: petições, estatutos, apelos, e assim por diante. Houve grandes declarações — a Declaração da Independência dos Estados Unidos, a Declaração dos Direitos do Homem, mas, tipicamente, eram declarações de governos e organizações muito oficiais. A maioria dos manifestos pertence ao século passado.

Como os manifestos hão de sobreviver ao século xxi? Os partidos e os movimentos políticos não são mais o que eram no século passado, e eles eram, no fim das contas, um dos dois grandes produtores de manifestos. As artes eram o outro. Além disso, com a ascensão da sociedade de negócios e o jargão de MBA, eles foram em grande parte substituídos por essa invenção espantosa, a “declaração de missão”. Nenhuma declaração de missão que já vi diz qualquer coisa que valha a pena, a não ser para quem seja fanático por banalidades mal escritas. Não conseguimos andar uns poucos metros pelo matagal das publicações sem tropeçar em algum exemplo, quase universalmente inosso em sentimento, que nos diz o equivalente a um “Bom dia” e “Sua ligação é muito importante para nós”.

Apesar disso, os manifestos concorrem bem com as declarações de missão. Há quase 20 milhões de cliques em potencial sob esse título no Google, e isso nos deixa uma grande fartura. Eu não diria que todos correspondem à definição do dicionário, que é a de “declaração pública de princípios, programas ou intenções, especialmente de natureza política”. Ou de qualquer outra natureza. Há um manifesto sobre aleitamento materno, um manifesto sobre jardinagem em benefício de animais silvestres, um manifesto em

favor dos montes, que trata da criação de gado nas terras altas da Escócia, e um tentador manifesto em defesa de uma nova cultura da caminhada, de autoria de Wrights and Sites com fartas referências aos dadaístas, aos situacionistas, a André Breton e Brecht, mas, para surpresa geral, nenhuma menção ao campeão dos andarilhos urbanos, Walter Benjamin. E, é claro, incluem todos os manifestos desta maratona.

Não tive oportunidade de me inteirar muito dos manifestos deste fim de semana, mas uma coisa que me chama a atenção é que tantos deles são declarações individuais e não, como quase todos os manifestos do passado, declarações de grupos, representando algum “nós” coletivo, formalmente organizado ou não. Por certo é esse o caso de todos os manifestos políticos de que me lembro. Sempre falam no plural e almejam conquistar adeptos (também no plural). Este é também, tradicionalmente, o caso de manifestos nas artes, que se tornaram bastante populares depois que os futuristas introduziram a palavra no mundo da arte em 1909, graças ao talento italiano de Marinetti para a tagarelice retórica. Nisso eles se adiantaram aos franceses alguns anos. Tenho certeza de que os cubistas teriam adorado inventar a palavra “manifesto”, mas não eram muito políticos nessa época e pensavam melhor com pinturas do que com palavras. Refiro-me, obviamente, às vanguardas que se reconheciam como tais na época, não a rótulos ou escolas criados retrospectivamente, como “pós-impressionismo”, ou inventados por críticos e, cada vez mais, por marchands, como “expressionismo abstrato”. Estou pensando em grupos genuínos, por vezes formados em torno de uma pessoa ou de um periódico, por mais breve que seja sua existência, conscientes daquilo contra o que lutam, bem como daquilo que julgam ter em comum: dadaístas, surrealistas, De Stijl, LEF ou o Grupo Independente em torno do qual surgiu a pop art na Grã-Bretanha nos anos 1950. Ou, já que estamos falando no assunto, na cooperativa

original de fotografos, Magnum. Quero dizer que todos são grupos de combate.

Não sei muito bem para que servem manifestos puramente individuais, além de refletir os temores de alguém pelo presente e suas esperanças para o futuro, que esse alguém pode ou não contar que sejam compartilhados por outros. Como é que isso será feito? Será basicamente pelo cultivo de nós mesmos e pela experiência compartilhada, como nos diz Vivienne Westwood em seu atraente manifesto? Os futuristas inventaram a autopromoção pública. É marca de nossa sociedade caótica e em desintegração o fato de a publicidade na mídia ser a primeira coisa que ocorre a um manifestante em potencial, e não a tradicional ação coletiva. É claro que indivíduos podem também usar manifestos para fazer propaganda e reivindicar a prioridade de uma inovação pessoal, como no caso do Manifesto Literário de Jeff Noon em 2001 (*Guardian*, 10 de janeiro de 2001). Há igualmente o manifesto terrorista lançado em primeira mão pelo Unabomber em 1995, que trazia a público uma tentativa individual de mudar a sociedade, neste caso mandando bombas incendiárias para inimigos selecionados, mas não sei muito bem se isso pertence ao campo da política ou da arte conceitual. Existe, porém, ainda outro manifesto puramente individual, ou ego trip, sem outra pessoa em mente além do solipsista que o lança. Exemplo disso é aquele extraordinário documento de 1961, o *Manifesto do Hotel Chelsea*, de Yves Klein. Klein, como vocês talvez se lembrem, fez carreira na pintura usando uma só cor, um azul-marinho imediatamente reconhecível. Nada mais: em telas quadradas e oblongas, em qualquer coisa tridimensional, sobretudo esponjas, mas também em modelos que ele fazia rolar na tinta. O manifesto explica que ele se sentia perseguido pelo céu azul — apesar de o azul de Klein ser a cor menos cerúlea que já vi. Deitado na praia em Nice, ele nos diz: “Comecei a me sentir odiado pelos pássaros que voavam de um

lado para outro em meu céu azul sem nuvens, porque eles tentaram abrir buracos em minha melhor e mais bonita obra. Os pássaros têm de ser eliminados”.

Nem preciso dizer que Klein encontrou críticos para explicar sua profundidade e marchands para vendê-lo aos apostadores. Ele recebeu a imortalidade que merecia da Galeria Gagosian, que adquiriu os direitos autorais de seu manifesto.

Isso me leva ao conteúdo dos manifestos surgidos ao longo da minha vida. A primeira coisa que me chama a atenção, olhando para trás, é que o interesse real desses documentos não está naquilo que de fato propõem. Na maioria dos casos, isso tende a ser óbvio, banal mesmo — e grandes aterros sanitários poderiam ser enchidos até o limite de sua capacidade com esse tipo de material, que, de qualquer forma, está condenado a rápida obsolescência. Isso é verdade até com relação ao grande e inspirador *Manifesto Comunista*, ainda tão vivo que nos últimos dez anos foi redescoberto pelos próprios capitalistas, na ausência, no Ocidente, de uma esquerda com sério significado político. A razão que nos leva a lê-lo hoje em dia é a mesma que me fez lê-lo quando tinha quinze anos: o estilo maravilhoso e irresistível, a verve do texto. Mas, acima de tudo, é a elevada visão analítica de mudança do mundo que está nas primeiras páginas. A maior parte do que o manifesto de fato recomenda é de interesse puramente histórico, e quase todos os leitores saltam essa passagem para ler o chamado para a ação contido no final — aquele que diz que os trabalhadores nada têm a perder, exceto os grilhões, e têm um mundo para ganhar. Trabalhadores do mundo, uni-vos! Infelizmente, isso também já passou do prazo de validade.

É claro que este é o problema de qualquer escrito sobre o futuro: é imperscrutável. Sabemos do que é que não gostamos no presente, e por que não gostamos, e é por isso que os manifestos são melhores quando denunciam. Quanto ao futuro, temos

apenas a certeza de que o que fizermos terá consequências involuntárias.

Se tudo isso é verdade com relação a um texto tão permanente como o *Manifesto Comunista*, é mais verdade ainda com relação a manifestos nas artes criativas. Para um grande número de artistas, como um jazzista americano me disse certa vez numa casa noturna, “as palavras não são meu instrumento”. Mesmo onde são, como entre os poetas, ainda os mais brilhantes, a criação não segue a ordem de “penso e depois escrevo”, mas uma muito mais difícil de controlar. Este, se assim posso dizer, é o problema da arte conceitual. Intelectualmente, os conceitos na arte conceitual quase sempre são desinteressantes, a não ser quando entendidos como piada, à maneira do urinol de Duchamp ou, a meu ver bem mais engraçada, das obras de Paul Klee.

Portanto, ler a maior parte dos manifestos nas artes por seu pretenso significado é uma experiência frustrante, salvo, talvez, como performance. E mesmo nesse caso são melhores como ditos espirituosos ou como piadas do que como peças de oratória. É provavelmente por isso que dadá, esse estilo para comediantes stand-up, ainda é o modelo de tantos manifestos de hoje: seu humor é ao mesmo tempo engraçado e negro e, como o surrealismo, não requer interpretações, apenas imaginação, no fim das contas o alicerce de toda obra de criação. E de qualquer maneira a prova de que uma sobremesa é boa não é sua descrição num cardápio de restaurante, por mais floreada que seja, mas seu sabor.

Nisso os criadores nas artes têm tido mais êxito que seus manifestos. Em *Era dos extremos* escrevi: “Saber por que brilhantes estilistas da moda, raça notoriamente não analítica, por vezes conseguem prever que forma as coisas vão tomar melhor do que os profetas profissionais é uma das questões mais obscuras da história e, para o historiador de arte, uma das principais”. Ainda não sei a resposta. Examinando retrospectivamente as artes na

década anterior a 1914, vemos que muita coisa nelas previu o colapso da civilização burguesa depois daquela data. A pop art dos anos 1950 e 1960 reconheceu as implicações da economia fordista e da sociedade de consumo de massa e, ao fazê-lo, a deposição da velha obra de arte visual. Quem sabe um historiador que escreva daqui a cinquenta anos não diga o mesmo sobre o que acontece agora nas artes, ou no que passa por arte, em nosso momento de crise capitalista, e se retire para as ricas civilizações do Ocidente. Como o notável filme quase documentário *Man on Wire* [*O equilibrista*], mas de modo muito mais desconfortável, as artes andam na corda bamba entre a alma e o mercado, entre a criação individual e a coletiva, até mesmo entre produtos humanos reconhecíveis e identificáveis e sua deglutição pela tecnologia e pelo barulho que tudo engloba da internet. No geral, o capitalismo tardio tem assegurado uma boa vida para um maior número de pessoas criativas do que em qualquer outra época, mas felizmente não as tornou satisfeitas nem com sua situação nem com a sociedade. Que previsões identificará o historiador de 2060 na produção cultural dos últimos trinta anos? Não sei nem posso saber, mas alguns manifestos serão divulgados até lá.